

# A História e o Destino

Dalmo Duque dos Santos

*“Qualquer que seja a duração de vossa vida, ela é completa. Sua utilidade não reside na duração e sim no emprego que lhe dais. Há quem viveu muito e não viveu. Meditais obre isso enquanto o podeis fazer, pois depende de vós, e não do número de anos, terdes vivido bastante. Imagineis então nunca chegardes ao ponto para o qual vos dirigíeis? Haverá caminho que não tenha fim?” – Michel de Montaigne*

Hércules era filho de Zeus e Alemena, a rainha de Tirinto. A deusa Hera, esposa de Zeus tentou frustrar o seu nascimento, mas somente conseguiu impedir que Hércules se convertesse em rei de Tirinto retardando sua vinda ao mundo até que nasceu outro menino que herdou o trono. Hercules nasceu, mas na condição de um escravo. Precocemente se manifestou a natureza semi-divina de Hércules. Hera enviou duas serpentes ao seu berço, mas o bebê as estrangulou. Desde muito cedo aprendeu as artes marciais. Ninguém podia se opor à lança nem à flecha de Hércules, que também era um lutador sobressalente. Hera não estava disposta a perder e no momento culminante do triunfo de Hércules lhe provocou um ataque de loucura. No meio da sua aterradora amnésia, o herói matou a esposa e os filhos.

Incapaz de recobrar a tranqüilidade de espírito, depois de cometer esse crime espantoso, Héracles consultou o oráculo de Apolo em Delfos. Este lhe respondeu que fosse a Tirinto e acatasse as ordens do rei Euristeu. O herói obedeceu e o monarca lhe encomendou uma série de tarefas ou trabalhos. Eram tarefas simples e complexas que se articulavam entre si e aos destinos de outras pessoas, numa verdadeira trama existencial.

Cada uma das 12 tarefas foi sendo cumprida por Hércules de acordo com as circunstâncias, conveniências e limites da sua força física e moral. Algumas ele cumpriu corretamente e com relativa facilidade; em outras teve grandes dificuldades e as cumpriu através de artifícios arditos, o que agravava seus débitos diante das novas tarefas. Quando pensava que havia cumprido totalmente um trabalho, decepcionava-se porque via novamente diante de si algo semelhante ao que não havia concluído satisfatoriamente. Então revoltava-se e cometia novos erros. Finalmente Hércules defrontou-se com o 12º trabalho, que era tirar Cerbero dos infernos, o cão de três cabeças. Ao finalizar com êxito esta tarefa, o herói venceu Hades – rei dos mortos – e se tornou imortal.

Mas Hércules ainda tinha que viver parte da vida e sofreu novos ataques de Hera. Ela seduziu Djanira, a segunda esposa do herói, que o envenenou acreditando que lhe dava um remédio.

Transpondo esse relato mitológico para a esfera da interpretação objetiva

podemos ter uma compreensão mais significativa do mito:

Hércules simboliza o Ser Consciente, “filho” de Deus, criado simples e ignorante; a perfeição relativa.

Hera simboliza o destino, o Programa Existencial da individualidade, a sua constante busca do tempo futuro e ao mesmo tempo a raiz dos nossos compromissos como o passado, o karma e o imperativo da lei de Ação e Reação.

O rei Euristeu representa a sua Consciência e o Dever com os compromissos e responsabilidades assumidas na pré-existência.

Os 12 trabalhos representam a História e o jogo das circunstâncias no dia-a-dia e o uso do Livre arbítrio, a síntese da evolução espiritual humana, composta pelas as provas (obstáculos, seduções) e expiações (resgates de dívidas); na matemática esotérica o número 12 é produto da soma e da mutiplicação da estrutura setenária ( $3+4=7$  e  $3 \times 4=12$ ) significa os ciclos das existências, as probabilidades circunstanciais e tendências comportamentais que vivenciamos, simbolizadas nos doze meses do ano, na multiplicação das dos meses das estações do ano ( $4 \times 3$ ), nos 12 signos do zodíaco, assim como as doze tribos de Israel, os doze apóstolos do Cristo, etc.

Mas a História é muito mais do que o relato de acontecimentos, coisas, lugares e pessoas que viveram no passado. Na verdade, ela tem muito mais a ver com o futuro e com os fatos que atualmente afetam bem de perto as nossas vidas. Ela é uma sucessão lógica de acontecimentos no tempo e no espaço, encadeados em tramas individuais e coletivas, produto de ações e reações geradas pelas atitudes humanas. No grande tempo de longa duração da História cada um de nós possui um fragmento pessoal de realidade, um tempo individual e um cenário para atuação, delimitados pelo ciclo biológico do corpo e pelas circunstâncias sociais nas quais nos envolvemos. O tempo existencial a ser equacionado varia de pessoa para pessoa, mas, em média, dura entre 70 e 80 anos, o suficiente para a realização de experiências necessárias ao nosso padrão moral e de inteligência.

Existe na Natureza Divina uma relação proporcional entre o Macrocosmos e o microcosmos, como contata-se na relação natural entre a semente e a Árvore . Assim como o Ser humano é o micro e o Criador é o Macro, o corpo físico é o micro e o Universo e o Macro, podemos dizer também que o dia está para a Existência assim como a existência está para a Eternidade. As experiências que realizamos nos segundos e minutos são simulações e treinamentos para unidades maiores e sucessivas do tempo existencial e vivencial. São nos inúmeros minutos que aprendemos e realizamos as coisas importantes do dia. São nos múltiplos dias que entendemos as coisas importantes da existência e assim sucessivamente. São nas diversas existências que compreendemos as coisas essenciais da vivência ou da Eternidade.

O relógio existencial possui quatro momentos que coincidem perfeitamente com as fases do ciclo biológico do corpo. Ele é a exteriorização da Bússola

Eterna da Consciência. Enquanto o primeiro funciona no tempo absoluto, em sentido horário, medido pelos dias, horas, anos, até o limite da morte física, a segunda funciona no sentido inverso da introspecção, medida nos graus do tempo relativo, sem limites. Um marca a extroversão do ser no plano objetivo; a outra marca a sua introspecção no plano subjetivo da mente. Um define o status-quo da encarnação biológica e a outra aponta o rumo da ressurreição psicológica. No tempo de uma existência na carne, o relógio existencial e a bússola consciencial se interpenetram e formam um terceiro marcador, que é o ciclo Dia-e-Noite, de 24 horas divididas também em quatro momentos nos quais ora estamos em atividade biológica, ora em atividade psicológica, seja em vigília, seja durante o sono. O Dia-e-Noite é a síntese e a transição do tempo absoluto do corpo biológico existencial para o tempo relativo da consciência e da eternidade. É no Dia-e-Noite que realizamos as experiências fundamentais para o desenvolvimento mais amplo da mente em seus três campos vivenciais – o Pensamento, a Ação e o Sentimento.

Em cada fase do nosso tempo pessoal diário acontecem pequenos fatos corriqueiros, importantes para a pequena mente existencial, limitada pelo cérebro; mas também os fatos essenciais, muito significativos para a mente maior, da consciência e da Vida. Esses fatos nos estimulam a pensar, agir e sentir as experiências e cada uma dessas operações se desenvolvem na medida que o corpo também amplia a sua manifestação no meio ambiente. Nossas existências se resumem num mecanismo constante de fazer escolhas e tomar decisões, desde as mais simples, como tomar um copo de água, até as mais complexas, que causam grandes desgastes emocionais. Diante dos fatos somos forçados a escolher, a tomar um dos caminhos que se abrem aos nossos olhos, mesmo que seja a opção do recuo ou opção da fuga. Toda escolha gera uma experiência e esta desencadeia em nós um irreversível processo de transformação mental, mesmo quando não aceitamos as consequências da escolha que fizemos; podemos até ficar estacionados numa determinada situação, mas já fomos afetados inevitavelmente pela mudança. É isso que se chama “erraticidade”, uma situação de expectativa e ansiedade na qual o Ser já foi atingido pela necessidade de mudança, mas ainda não compreendeu o que se passa com ele e fica adiando ou planejando uma nova experiência.

Tudo indica que existimos num campo universal de atuação onde estamos sujeitos a leis que fogem do nosso controle individual. Leis como a de Ação e Reação e a de Evolução, só para citar as mais conhecidas, estabelecem limites em nossas escolhas; possuímos o livre-arbítrio, mas na maioria dos casos, ele está limitado e restrito a determinadas ações. Isso parece absurdo, mas a lógica desse limite está numa ordem maior que impede que as nossas decisões causem desequilíbrios além dos parâmetros da normalidade. Entendemos, então, que o livre-arbítrio é uma faculdade proporcional ao grau de maturidade do Ser. Na sua fase humana e individualista, em mundos materiais imperfeitos, naturalmente sofre as limitações necessárias a manutenção da ordem geral. Na Terra e ele ainda é o veículo do egoísmo e do personalismo, daí os distúrbios mentais que o aprisionam temporariamente como efeito dos abusos. Em mundos mais perfeitos sua manifestação provavelmente se amplia porque o Ser age sempre no sentido do bem estar da

coletividade. Alguns autores chegam mesmo a especular que o livre-arbítrio se torna uma faculdade desnecessária quando o Ser se integra perfeitamente na harmonia universal e passa a cooperar em graus cada vez mais complexos da Criação Divina.

Em nosso caso, as escolhas ainda são muito afetadas pelas provas e expiações. Não podemos avançar em determinadas linhas de opção porque criamos obstáculos de ação que somente podem ser ultrapassados quando dali forem removidos os entulhos gerados pelos nossos gestos de destruição. São naturalmente entulhos mentais, experiências negativas antigas que nos prendem à condição estacionária da erraticidade, onde podemos tanto fazer escolhas, cometer erros, como também repetir experiências para reaprender com os fracassos. Aqui se vê claramente o limite entre o livre-arbítrio e o determinismo. Na erraticidade escolhemos com clareza e convicção, porque estamos conscientes da situação e operamos com a mente maior. Quando encarnados, estaremos operando subjetivamente com a mente reduzida, sem memória objetiva. Seremos “atraídos” e “empurrados” para situações onde as escolhas e decisões sofrem as influências naturais dos acontecimentos. Poderemos recuar e desviar dos nossos caminhos, mas, ainda assim, teremos que suportar a sedução das circunstâncias ou o imperativo das reações “cármicas”.

Dessa forma, estamos ainda mergulhados no plano da Existência, restrito, incompleto, parcial e confuso, por causa multiplicidade de existências e personalidades. Nele estamos construindo parcialmente o nosso Eu, a nossa História, participando com o nosso tempo individual, interagindo com a Família, a Cidade, o País e a Humanidade. Mas, num plano mais amplo, que é a Vida Integral, ainda estamos atrelados a um Destino, que é um caminho ideal. Ainda não possuímos maturidade emocional e inteligência suficientes para fugirmos desse destino e exercer com plenitude o livre-arbítrio. Por isso, diante das crises existenciais, sempre nos colocamos e nos sentimos divididos entre a probabilidade e a fatalidade, entre a relatividade do tempo metafísico e o absolutismo do tempo físico e biológico. Enfim, estamos entre a liberdade e o limite. A primeira somente deixará de ser um ideal quando o segundo deixar de ser real. Quando nos livrarmos desses limites teremos uma sensação real de liberdade, sem angústia, sem ansiedade. O tempo será apenas uma sensação realizadora, sem interferência incômoda do passado e sem o medo do futuro. O passado não será mais nostalgia, o presente não será fantasia nem o futuro será visto como ideologia. Quando tudo isso for superado estaremos passando das múltiplas existências para a Vida única. Isso é o que os Seres Superiores chamam de Felicidade ou Plenitude, uma realidade comum nos mundos mais perfeitos e que na Terra é inconstante e só ocorre em alguns momentos.

Mas a nossa atual felicidade, relativa e parcial, tem uma razão de ser; tem a ver com o nosso estado de espírito, que também flutua na perfeição relativa ou potencial de perfectibilidade. Ainda não possuímos maturidade suficiente para sermos felizes. Essa questão é bem fácil de entender, mas nem sempre é fácil de compreender: se fôssemos transportados a mundo onde a felicidade plena é uma realidade coletiva não suportaríamos tal situação por causa da interferência dos conflitos íntimos que ainda não foram solucionamos e que

ainda nos causa a instabilidade emocional. Pensamos que é fácil viver num mundo feliz quando ainda não nos sentimos felizes. Mas o processo natural é bem diferente e altamente dialético. Para atingirmos a felicidade integral temos que nos adaptar gradualmente através do desmonte dos conflitos e dos efeitos emocionais negativos que eles nos causam. Em resumo, a regra é a seguinte: temos que aprender a ser felizes nas situações de infelicidade. É como aprender a respirar dentro da água; no começo ficamos nos debatendo, aflitos, agonizados, nos contorcendo em forma de desespero. Depois vamos percebendo que não é possível lutar contra a natureza; paramos de tentar respirar bruscamente, ficamos mais calmos, passamos a olhar o que se passa ao nosso redor; não conseguimos respirar, mas já vislumbramos por alguns segundos a paisagem que nos parecia hostil e para a qual nem abríamos os olhos. Com o tempo vamos aumentando os períodos nos quais prendemos a respiração e nos quais exercitamos a calma e a paciência. Essa é, de forma análoga, a chave da passagem das Existências para a Vida, da História para o Destino, da Fatalidade para a Probabilidade, da Encarnação para a Ressurreição, do Reino Animal Biológico para o Reino Hominal Psicológico, do Reino de César para o Reino de Deus e, finalmente, da alienação para a Consciência.

Como já dissemos, essa é uma temática que podemos entender facilmente, mesmo porque as filosofias espiritualistas explicam tais questões com muita didática e objetividade. Mas resta o problema da compreensão. Nem tudo que entendemos objetivamente com o intelecto repercute com clareza no mundo íntimo da subjetividade e que é o verdadeiro universo da experiência. Uma coisa é a teoria, outra coisa é a prática. É um conceito tão antigo que hoje soa aos ouvidos mais exigentes como um “chavão”, um “clichê”, gasto pelo uso retórico, mas que continua tendo seu significado de verdade filosófica. Como diz a música, “Não adianta fingir, nem mentir pra si mesmo...” Podemos até estacionar para discutir milhares de aspectos que as nossas doutrinas oferecem sobre a Vida e o Universo, podemos permanecer por longos períodos tentando solucionar problemas do mundo fenomenal, que já “estão desde sempre solucionados por Deus”, para os quais basta aplicar o raciocínio. Já entendemos o fenômeno da morte biológica, já solucionamos o problema objetivo da imortalidade. Esse enigma de Tomé já foi solucionado por diversos pesquisadores da alma, através da ciência e da tecnologia sensitiva do entendimento das leis naturais. Mas ainda falta compreender o enigma de Nicodemos, que é fenômeno da morte do Espírito. Esse enigma os mestres também decifraram, não para nós, mas para eles mesmos. Deixaram pistas das suas experiências pessoais, mas não puderam ir muito além disso, pois o mundo interior de cada um deles é diferente do nosso, têm o seu próprio caminho a percorrer. O contato teórico com essas verdades básicas são os primeiros passos para entender o problema, mas a compreensão depende do mergulho psicológico no enigma. No aspecto teórico entendemos perfeitamente o problema do ser, do destino e da dor. Mas isso ainda deixa um vácuo, uma sensação de vazio de compreensão emocional.

A verdadeira inteligência não é o raciocínio, mas a capacidade de fazer escolhas. Muitas vezes pessoas pouco inteligentes do ponto de vista racional fazem escolhas certas usando a intuição. Já algumas pessoas tidas como

inteligentes freqüentemente desprezam a intuição, usam a razão acreditando estarem seguros em suas decisões para mergulharem em grandes fracassos. Pior ainda, não aceitam as conseqüências de suas decisões e agravam ainda mais os efeitos das suas ações. A arte da escolha, talvez seja esse o segredo do livre-arbítrio, das suas possibilidades e dos seus limites.

Portanto, a evolução espiritual do ser humano é impulsionada pelo livre-arbítrio, cuja regra universal é *“A Semeadura é livre, mas a colheita é obrigatória”*.

Durante a nossa evolução em mundos inferiores a maioria das nossas experiências se realiza no campo do mal e da imperfeição, o que é normal até certo ponto, pois é a fase de defesa e sobrevivência no meio hostil. O Bem e a perfeição aparecem lentamente, quando passamos a ter percepção de nós mesmos, como ser semelhante ao outro. O limite do livre-arbítrio é a nossa capacidade de distinguir o Bem e o mal. Quando ultrapassamos esse limite esbarramos na lei de causa e efeito (ação e reação) e temos que assumir responsabilidades pelos nossos atos.

As responsabilidades e os choques de retorno geralmente nos levam a duas atitudes e caminhos: estagnação, pelo orgulho ferido e a revolta; e o progresso, pela humildade e a resignação.

Segundo as escolas espiritualistas clássicas a predominância do mal em nosso planeta é devido à concentração de seres rebeldes e reincidentes no erro, a maioria em situação de provas e expiações. As ações maléficas de alta destruição acontecem pela afinidade e conúbio psíquico de seres muito inteligentes, porém, sóciopatas, de sentimentos doentes, que não aceitam seus choques de retorno e não se conformam como fracasso de suas provas e revoltados com as expiações que sofrem na Terra. Disso surgiu provavelmente o mito de Satã (anjos caídos). Mesmo assim, no plano coletivo, essas ações são úteis no despertar para o Bem e para a regeneração, através dos resgates de dívidas cármicas.

O ódio e a revolta são as principais marcas do mal, que em mundos como a Terra torna-se ideologia de grupos organizados em atividade criminosas e que fazem da vingança uma lei, pela violência e brutalidade. Para neutralizar essa força maléfica não podemos jamais agir dentro do seu campo de ação e sempre fugir de ações de convivência direta ou indireta com essas atividades, com exemplificaram Jesus em sua época e o Mahatma Gandhi nos tempos modernos. Deve-se sempre agir no oposto, no Amor, que é a Lei universal mais ampla e superior.

Mas quase sempre temos a falsa impressão de que a Lei do Amor é utópica, ainda muito distante nós, por causa dos nossos hábitos e instintos animais. Todos esses conceitos superiores logo caem por terra quando caímos nas contradições do dia-a-dia, típicas das nossas imperfeições. Daí vem a descrença e a desconfiança na nossa capacidade de mudar a realidade interior e o mundo que nos cerca. Por isso é necessário persistir para aprender a humildade, a mansuetude e o perdão, que são os caminhos mais acessíveis para praticarmos o Amor. A humildade é a ciência da confiança no tempo e na

Justiça Divina; é saber esperar o momento certo, em atitude de resignação. Não se trata de conformismo, covardia ou burrice, mas da sabedoria em recuar com um passo para trás e depois dar muitos passos para frente. Na vida selvagem encontramos exemplos belíssimos de humildade e sabedoria quando pequenos animais se humilham, simulando estarem mortos, para desarmar os mais fortes que os perseguem. Todos que já passaram por essas experiências na vida humana afirmam que a mansuetude é o gesto humilde e também inteligente de desarmar a agressividade do outro. É o momento crítico em que, por exemplo, um homem tem que se tornar mulher, pois esta é uma inteligência típica do sexo feminino. Como já foi ensinado por um sábio espiritual: “A obediência é o consentimento da razão, a resignação é o consentimento do coração”. Para as pessoas experientes nesse terreno o perdão é capacidade de esquecer as coisas más que nos atingem, até que possamos entender o que realmente está acontecendo, bem como as razões de quem praticou esse mal. Quem não esquece o mal não consegue perdoar nem progredir. Muitas vezes as pessoas que nos fizeram mal mudam e nós não mudamos, persistindo na ideia de ódio e vingança. Não podemos ficar estáticos achando que o tempo congelou para satisfazer os nossos caprichos. Podemos ficar estacionados por algum tempo, em compasso de espera, mas sempre almejando e planejando alguma mudança no futuro.

***Artigo Reproduzido com Autorização do Autor***